

## Barcelos

BARCELOS, orago Santa Maria Maior, Nossa Senhora das Neves ou Nossa Senhora da Assunção, foi primitivamente do padroado real, passando depois para o da casa de Bragança.

Era uma abadia, o seu pároco intitulava-se *Abade de Santa Maria Maior de Barcelos*, denominando-se assim ainda nos primeiros tempos desta igreja ser elevada a Colegiada.

Passou porém mais tarde a ser governada pelo Prior da mesma Colegiada, coadjuvado nesse serviço pelo Cónego Cura até 1859 e dali em diante pêlos seis beneficiados até 1 de Dezembro de 1869, data em que por lei foi suprimida a Colegiada.

De facto, porém, esta só terminou em 1915 com a morte do seu último cónego, o Prior José de Amorim Pereira Leite. *Barcelos*, segundo uns, vem de *Barra Celani* ou *Barca Celani*, barra ou barca do rio *Celano* (Cávado); segundo outros de *Barca Coeli*, nome de uma barca que fazia serviço neste rio; segundo outros de *Brada* ou de *Vercelli* e ainda segundo outros de *Barc-ellus*, de origem fenícia, que quer dizer barca pequena.

Não são também conformes os escritores quanto à origem e fundação desta povoação: uns remontam-na aos *Gregos*; outros aos *Cartagineses*; outros aos *Romanos*;

outros aos *Galo-Celtas*, aos *Barcinos* ou aos *Celerinos*, povos que habitaram esta parte da península, e por fim outros, para não estarem a arquitectar hipóteses, dizem que a origem e fundação de Barcelos se perde na noite dos tempos, não se podendo determinar a época da sua fundação nem tão pouco qual o povo seu fundador.

Dizem mais os escritores antigos que esta povoação foi completamente arrasada nas lutas entre os povos bárbaros que avassalaram o nosso território e que os Árabes a reconstruíram e reedificaram.

O que é certo, porém, é que, quando despontou no horizonte o sol da nossa nacionalidade, iluminou já o velho casario deste burgo.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem a freguesia de Barcelos com a designação =«De Sancta Maria de Barcellos», de Terra de Nevia.

Nestas Inquirições se diz: que o rei é seu padroeiro; que tem aqui alguns reguengos; que devem fazer a ramada ao rei da devesa régia e que aqueles que possuírem bestas devem fazer carriagem ao rei, assim como se contém na sua carta e pagam voz e calumpniam.

«Et modo est villa in renda pró ccv morabitanos». Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, 1.<sup>a</sup> Alçada, se diz: <*In Judicato de Nevia Item, in parrochia Sancte Ma-rie de Barcelos*, que el Rey est padrom et segnor da ecclesia e da vila. E am de fazer al-Rey a ramada da devesa d'el Rey de Barreiros».

Et se el-Rey quiser fazer fossado (1) aqueles que ouverem beschas devem a fazer carreira al-Rey, scilicet:

(1) Fossado era a expedição militar ou cavalgada para talar ou colher os frutos e novidades que o inimigo tinha agricultado. Para esse fim apoderavam-se do campo, entrincheirando-se em valos ou

se for a Toy darem li melo maravedi e vida (1) et cevada; et se for a Coimbra j maravedi et.vida et cevada; et se for a Trancoso ou a Bragancia Ij maravedis et vida et cevada, et non li filiarem nichil do seu (<sup>a</sup>).

E os Mayordomos que esta vila trouxerem am a dar ao Senor a primeira lamprea que y ouver».

Fala-se aqui em Cima de vila, Fundo de vila, Casal de Nique, Pesegal e Ribeira.

« Item, estes sum os foreiros desta vila per ca-beza, scilicet>: (mencionam-se alguns nomes e no fim concluem) «e estes sum foreiros del-Rey da vila de Barcelos et do Couto cum toda sua geerazom».

Barcelos orgulha-se de ser sede do primeiro condado territorial português.

D. Dinis, por carta de 8 de Maio de 1298, fez conde donatário de Barcelos a D. João Afonso Telo de Meneses.

Segue-se uma série de seis condes (<sup>2</sup>) até que D. Afonso Telo de Meneses, 6.º Conde de Barcelos, morre na batalha de Aljubarrota, combatendo pêlos castelhanos, e então D. João I deu este condado ao seu amigo e condestável do reino, D. Nuno Álvares Pereira.

*fossos, mantendo-se na defensiva e guardando as costas aos que se ocupavam na apanha dos frutos, novidades e forragens.*

*Havia o tributo da fossadeira que pagavam aqueles que, tendo obrigação de irem ao fossado uma vez por ano, não iam, aplicado para as despesas que no dito fossado se faziam.*

*(1) Vida, sustento, comida, refeições. Esta vida ainda que ordinariamente se dava em cousas de comer já guisadas, como caldo, carne, leite, filhos, etc., algumas vezes se pagava a dinheiro ou em cousas comestíveis não guisadas.*

*(<sup>2</sup>) Sobre este assunto e outros veja-se o bem elaborado trabalho do Snr. J. Mancelos Sampaio no seu livro já citado Barcelos Resenha.*

Este, em 1401, dotou sua filha D. Brites Pereira de Alvim para casar com D. Afonso, filho bastardo de D. João I, além de muitas outras terras, com o condado barcelense. D. Afonso foi pois o 8.º Conde de Barcelos, sendo elevado em 1442 a 1.º Duque de Bragança.

Barcelos no século XVI foi ainda elevado a ducado, começando desde 1572 a usarem o título de Duques de Barcelos os herdeiros daquela casa.

Pela aclamação de D. João IV, 3.º Duque de Barcelos e 8.º de Bragança, ficaram a pertencer aqueles títulos ao príncipe herdeiro.

O rei D. Carlos I, quando viajava no estrangeiro, usava sempre o título de Conde de Barcelos, talvez pelas iniciais serem as mesmas de Carlos de Bragança.

D. Afonso, 8.º Conde de Barcelos e 1.º Duque de Bragança, foi o grande reformador e restaurador de Barcelos, que muito engrandeceu.

À vila, terra aberta e sem defesa guerreira, mandou cercar de muralhas.

Eram estas muito altas e de forte resistência, tendo os adarves guarnecidos de graciosas ameias de defesa, fechando um amplo polígono irregular, limitado pelas ruas Faria Barbosa, Largo da Porta Nova, rua Barjona de Freitas, rua do Poço, Largo da Fonte de Baixo, viela das Vivandeiros e rua Duque de Bragança, fechando na torre da Ponte, donde partiam.

Aqui elevava-se uma alta torre com uma porta sobre a ponte e duas para o interior: uma para a rua hoje denominada Faria Barbosa e outra para a rua Duque de Bragança. Entre as duas portas laterais dessa torre, a Câmara Municipal mandou construir em 1631 a fonte de Santa Mónica, guardada no Museu Arqueológico Municipal.

Seguindo dessa torre para o nascente, a primeira quadrelha das muralhas ia até ao Pessegal, à margem do rio, e aí terminava em uma pequena torre, cujos vestígios se vêem ainda no quintal da casa do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conde de Vilas boas; perto ficava um postigo — o do Pessegal — que era por assim dizer a porta da traição desta fortificação.

A alguns metros deste postigo subia a muralha em linha recta para o-norte até ao sítio onde está o edifício do Banco de Barcelos, seguindo daí para noroeste até à torre da Porta Nova (1).

Ainda se ergue ali essa torre, de architectura sólida, mas muito simples, de quatro pavimentos, coroada primitivamente de ameias de defesa e hoje de adorno, desde que para ali mudaram a cadeia (entre 1631 a 1636).

Era a antiga residência do alcaide, foi considerado monumento nacional e está destinada à instalação de museu e biblioteca municipal.

Dessa torre seguia para noroeste um lanço de muralha que ia terminar na Porta Nova, que dava serventia da rua Direita, hoje D. António Barroso, para o arrabalde de Cima de vila.

Sobre o arco dessa porta abriu-se um oratório onde estava a imagem da Senhora da Abadia.

Da Porta Nova seguia a muralha a mesma direcção noroeste e pouco adiante voltava para o poente, seguindo depois em linha recta e paralelamente à Rua D. António Barroso até à travessa do Apoio, onde se encontrava outra torre e a porta do Vale, por cima da qual se venerava a imagem de Nossa Senhora da Esperança.

(1) *Parte desta muralha foi demolida para dar passagem à rua Faria Barbosa e parte ao norte derruiu, pelo meio dia, em um domingo do dia 29 de Dezembro de 1935.*

Da porta do Vale partia de novo a muralha, atravessava a rua Barjona de Freitas e, descrevendo uma curva, passava junto à rua do Poço, ao Largo da Fonte de Baixo, à viela das Vivandeiras, descia sobre a margem do Cávado e ia terminar, como dissemos, na Torre da Ponte.

Primitivamente os muros de Barcelos tinham apenas três portas, as três torres já descritas e dois postigos: o da Fonte de Baixo e o do Pessegal.

Mais tarde, porém, foram abertos mais os seguintes: o da Ferraria, 1631, que dava saída à travessa da rua Direita, antiga rua da Ferraria, o da rua das Velhas, hoje rua Duque de Barcelos, 1635, também conhecido por o da Feira (1).

Fr. Pedro de Poiares no seu livro «Tractado Panegyrico», edição de 1672, diz «tem a villa bons muros e nel-les sete portas, quatro mais principais e trez de menos serviço».

O Censo da População de 1527 diz: «A villa de Barcellos he do Senhor Duque etc. He villa bem cerquada de muros e torres fortes e tem por fortaleza os paços do Duque e jaz peguada no Rio Cavado tem hua ponte de pedra muy fermosa que say dos paços e pasa contra a cidade do Porto pêra o arrabalde de Barcellinhos».

Daquelas muralhas ainda existem restos, desde o Largo dos Malheiros até à torre da Porta Nova; na parte que dá para o largo da Fonte de Baixo e Vivandeiras; e sobre o rio, nos quintais das casas da rua Faria Barbosa.

Junto à torre da ponte, cujos sinais se vêem ainda nesta, estava o castelo que servia de residência dos Con-

(1) Vide Dr. António Ferraz in *Barcelos Revista*, n.<sup>es</sup> 4 e 5 — Abril de 1909.

des, quando vinham a esta vila, mandado também construir por aquele D. Afonso, 1.º Duque de Bragança.

Comunicava este castelo com aquela torre, e por um passadiço com a Igreja Matriz, que servia de capela ducal.

Do palácio dos condes-duques de Barcelos existem apenas as paredes inteiras de uma parte dele e uma alta chaminé dos seus fogões.

O terreno em que assentava este edifício foi cercado de muros com ameias na gerência de uma câmara da presidência do Dr. José Novais em 1890.

Servem estas ruínas históricas de Museu Arqueológico Municipal, iniciado pelo Snr. Dr. Miguel Fonseca, quando presidente da Câmara, o qual já tinha sido criado em 1903.

Da torre da Ponte apenas existem vestígios, como dissemos, junto a esta; abalada pelo terramoto de 1755, derruiu e caiu por terra em 24 de Janeiro de 1800, impedindo por alguns dias o trânsito na ponte.

A parte da muralha desde a Ponte até à Fonte de Baixo foi demolida em 1811.

A torre do Vale já tinha sido demolida em 1797 e a muralha desde a Fonte de Baixo até aquela torre foi-o em 1857.

Em 1867 foi demolido o postigo da travessa do Apoio. Já porém em 1806 alguns moradores desta vila conseguiram aforar parte das muralhas junto aos seus quintais, aproveitando-as para recreio próprio.

E assim foi desaparecendo esta fortaleza guerreira da idade-média que, diga-se de passagem, junto aos seus muros nunca feito memorável algum se deu.

Quanto à ponte que liga esta vila a Barcelinhos, dizem uns que é romana, outros que foi fundação de D. Afonso, podendo porém assentar-se que, se não é

romana, deve ser obra anterior a este conde, que apenas a reconstruiu (1).

Tinha ameias nas suas guardas de pedra e era estreita e de pavimento lajeado.

Em 1881 foi mandada alargar, substituir as suas guardas de pedra por outras de ferro e o seu pavimento calcetado.

Esta ponte está assente sobre cinco arcos, e é defendida do ímpeto das grandes cheias por fortes corta--mares.

A *Matriz* recebeu também a influência benéfica de D. Afonso, o grande reformador e propulsor do engrandecimento da sua vila de Barcelos.

Muito do que aquele templo tem de bom e belo se deve a ele e aos seus imediatos sucessores.

Continuou-se no século XVI a sua bela restauração até que com o advento do século XVIII e ainda no século XIX sofreu novas reformas e aformoseamentos ao gosto da época.

Ultimamente tem-se feito ali grandes obras, tentando restituí-lo à sua antiga arquitectura, fazendo-se para isso muitos estudos, dando-se largas infelizmente a muitas fantasias.

Está este templo no alto da rua Barbadão, entre os Paços do Concelho e o antigo palácio dos Condes-Duques de Barcelos, separado destes edifícios por seus largos.

De estilo românico, transições para o gótico, a sua fachada ergue-se virada ao poente, na qual entre dois botaréis ou contrafortes se abre um belo pórtico em cinco arquivoltas de arcos apontados, sucessivas e decrescen-

(1) *Esta ponte já existia no primeiro quartel do século XIV. Mons.J. Augusto Ferreira = Fastos Episcopais, vol. Ill, pág. 23J = Nota 2.ª.*



tes, apoiadas em quatro pares de colunas de fustes lisos, bases e capitéis historiados.

Terminando a fachada em ângulo, abria-se primitivamente no centro uma rosácea, que foi substituída no século XVIII por janelas rectangulares, sendo estas ultimamente tapadas e aberta nova rosácea.

O aspecto desta fachada ficou muito alterado com o levantamento da nave central, até ao primeiro arco, o que foi bastante para a desfear.

Ao lado direito da igreja ergue-se a torre dos sinos, sem cúpula e sem ameias.

Por trás da torre ainda se vêem vestígios do passadiço que dava comunicação desta igreja para os paços ducais.

Dentro, o templo é de três naves, separadas por arcos apontados, suspensos por feixes de quatro colunas de fustes lisos e capitéis historiados.

As paredes interiores do templo e os fustes destas colunas foram no século XVIII revestidos de azulejos dos quais a maior parte foram mandados retirar pelas últimas obras, e restituídas aquelas colunas à beleza primitiva do seu granito, ficando o resto à espera de outra rajada de bom senso e bom gosto que os mande retirar e colocar em sítio apropriado.

A capela-mor com sua abside quadrangular, mandada reconstruir pêlos alicerces da antiga, é majestosa.

A sua abóbada em pedra tem no fecho central o monograma de Cristo = I H S = acompanhado na orla por estes dizeres = ESTA OBRA FEZ BARCELLOS NA ERA DE MSIV (1504), em belos caracteres góticos.

Em um dos fechos laterais lê-se a inscrição = M. F. GIL DA COSTA.

Por aqui se infere que a abóbada desta capela é obra posterior à do Duque D. Afonso e que não foi mandada fazer pêlos duques seus sucessores.

Pelas últimas obras realizadas foi retirada dali a rica tribuna estilo barroco e colocada na capela do Sacramento e substituído o cadeiral dos cónegos pelo que estava no coro.

Na ocasião de substituição do cadeiral apareceram nas paredes duas portas em arco que dão comunicação para as capelas laterais.

O altar é baixo, sem retábulo e sustentado por colunas.

Veneram-se nesta capela duas imagens de subido valor artístico e arqueológico.

No centro, a de Nossa Senhora da Assunção, padroeira desta freguesia, em estilo barroco, e do lado direito, a de Nossa Senhora da Franqueira, trecentista, em estilo gótico, que da sua capela do alto do monte da Franqueira, em Pereira, foi mudada para esta igreja no século XVIII.

Do lado direito da capela-mor, em frente à nave desse lado, está uma capela ultimamente restaurada, também em abóbada de pedra.

No centro dessa capela, no chão, vê-se uma sepultura em cuja tampa tem gravado um escudo com as armas dos Barbosas e por baixo os seguintes dizeres:

AQVI JAZ MANOEL BARB. FALLECEV A 25 DE JANEIRO DE 1590.  
ESTE JAZIGO PERT. A SEOS DESCEND.<sup>tes</sup>

Deste lado segue-se a primeira capela lateral, que é do Sacramento. É ampla e nela está a rica tribuna que era da capela-mor, tendo nas paredes quatro telas representando os evangelistas. Os seus tectos são em madeira formando caixotões.

A esta segue-se uma outra capela de abóbada em pedra, em forma de boca de canhão, seguindo-se mais dois altares laterais.

Deste mesmo lado ao entrar a porta principal está o túmulo dos Pinheiros, sob um arco metido na parede.

Este túmulo tem a seguinte inscrição: « SEPULTURA DE ÁLVARO PINHEIRO CAPITA DESTA VILLA E DE SEVS ACIDENTES E DECIDENTES ».

No fecho do arco vê-se um escudo esquartejado com as armas dos Pinheiros, Aldanas, Pereiras e Lobos.

Do lado esquerdo, junto à capela-mor, a enfrentar com a nave desse lado, está uma capela de abóbada e altar de pedra, que sofreu também a influência das últimas reformas neste templo.

Da parte de fora dessa capela, junto ao seu arco, foi metido na parede um oratório por cima do qual colocaram uma pedra, que estava em uma capela demolida, representando um escudo encimado com a tiara papal e com duas chaves cruzadas.

No campo desse escudo lê-se o seguinte: SACRA ECCLETIA LATE RANENCIS.

Está em seguida o órgão que foi retirado do coro e para aqui mudado há poucos anos.

Fica em frente da capela do Sacramento e está no sítio onde era uma capela lateral que foi cortada há poucos anos para alargamento da Praça Municipal. Segue-se-lhe uma pequena capela de abóbada em forma de boca de canhão, exactamente igual à do outro lado.

A esta capela seguem-se mais dois altares, sendo o último, junto à porta travessa, o dos Reis Magos.

O arco que abriga este altar é fechado por um escudo esquartelado com as armas Teixeiras, Sarros, Ti-nocos e Costas. Diferença uma moleta de prata e timbre o dos Teixeiras.

Em baixo, no paquife, 1612, data da concessão deste brasão.

Este altar era cabeça do Morgado do Perdigão, vínculo instituído em 1519 com a designação de *Capela dos Reis Magos*.

Tinham os Morgados do Perdigão sepultura privativa que desapareceu quando do soalhamento da igreja, no século XIX, sendo então recolhidas as cinzas nela encontradas em um pequeno sarcófago debaixo do altar e há poucos anos foi sobre aquele colocada uma pedra com a seguinte inscrição = SEPULTURA DOS MORGADOS DO PERDIGÃO.

Foi 1.º Morgado do Perdigão António Teixeira e última D. Luciana da Silva Fonseca Teixeira de Barros.

Todos estes altares laterais estavam primitivamente encostados aos pilares dos arcos que separam as naves, sendo no século XVIII metidos nas paredes laterais.

Tem esta igreja duas portas travessas: uma que dá para o terreiro das Torres e outra para a Praça Municipal.

As três naves são forradas a madeira em caixotões e actualmente não tem coro; o coro que existia foi demolida e as rasgadas janelas substituídas nas obras que estão correndo por frestas geminadas, guarnecidas, bem como as rosáceas, com artísticos vitrais, adquiridos em 1930 em Barcelona.

A pia baptismal em granito reocupou o seu antigo lugar, a qual tinha sido substituída, no século XIX, por uma outra moderna em mármore.

Foram pelas últimas obras retirados os dois púlpitos metidos nos pilares dos arcos. Servem-se agora de um púlpito portátil de madeira em estilo gótico.

Todas estas obras ali realizadas foram da iniciativa do zeloso prior desta freguesia Snr. P.º Joaquim Alexandre Gaiolas, com a cooperação de várias pessoas e entidades desta cidade e sob a direcção de engenheiros e architectos diplomados.

Se o iniciador da restauração da matriz de Barcelos não viu ainda realizado o seu sonho, restituída a igreja a toda a sua primitiva beleza, não foi por falta de per-

sístência e tenacidade da sua parte, mas por não ser ajudado e compreendido por quem competia.

A sacristia é do lado direito, entre a primeira capela deste lado e a do Sacramento. É grande e espaçosa.

Tem um bom lavabo em pedra e no centro uma mesa de pedra, tampa de uma sepultura, no reverso da qual ainda se vêem vestígios de um brasão e de uma inscrição quase apagados.

Este templo foi classificado monumento nacional por decreto de 15 de Outubro de 1927.

Foi aqui criada uma Colegiada em 1464, com boas rendas, chegando a ter treze Cónegos.

Estas rendas, porém, foram cerceadas para aumentar as da Patriarcal de Lisboa e as da Real capela de Vila Viçosa.

As dignidades desta Colegiada eram apresentadas pela casa de Bragança e coladas pelo Ordinário.

O prior apresentava os benefícios da massa da Colegiada, isto é, os párocos nas freguesias de Barcelinhos, Courel, Faria, Qilmonde, Qinzo, S. Martinho de Vila Frescainha, Milhazes, S. Paio do Carvalhal e Vilar de Figos.

O *Cruzeiro Paroquial* desta freguesia esteve ao fundo da antiga rua da Igreja (hoje rua do Barbadão), no cruzamento desta rua com a do Terreiro (hoje Duque de Bragança).

Na Praça Municipal, entre a Igreja Matriz e os Paços do Concelho, mandou a Câmara Municipal construir um chafariz em 1630, encimado por uma cruz.

Para ser colocado ali esse chafariz foi mudado o Pelourinho do Concelho, que estava nesse largo, que também se chamou da Picota, para o Largo da Porta Nova, onde se conservou até 1865.

Neste ano, resolvendo a Câmara Municipal regularizar a rua Faria Barbosa na sua embocadura com o Largo

da Porta Nova, mandou derrubar o pelourinho, ficando dispersas as peças que o compunham, de modo que a base foi para obras fora da vila, o fuste aplicado a poste de candeeiro de iluminação pública e a gaiola metida em uma parede qualquer.

Em 1905, devido às investigações e instâncias do falecido Dr. António Ferraz, administrador do concelho, a Câmara Municipal, da presidência do Snr. Dr. José Ramos, reconstituiu e mandou colocar o seu antigo pelourinho ao lado poente dos Paços dos Condes Duques de Barcelos.

Está completo, não lhe faltando até as correntes de ferro que cingem o fuste, encontradas em um esconderijo da torre da Porta Nova.

É um dos mais belos monumentos do seu género com a sua cúpula ou *gaiola* em estilo gótico.

Tem esta freguesia as seguintes igrejas e capelas:

*A Igreja do Bom Jesus da Cruz*, no campo da República, teve sua origem no aparecimento da primeira cruz no solo desta vila, no arrabalde de Cima de Vila, que também se chamou Campo do Salvador, em 20 de Dezembro de 1504.

Em breve esta cruz foi coberta com uma abóbada de pedra, firmada em quatro pilares, nos quais se sustentavam quatro arcos.

Para colocar ali a imagem do *Senhor da Cruz*, adquirida posteriormente na Flandres, taparam-se os arcos dos lados norte, nascente e poente, abrindo-se deste lado uma porta virada ao souto de carvalhos que existia no sítio onde hoje estão as casas.

Dividiram assim esta ermida em duas e na do lado nascente formaram um altar com seu retábulo em que se dizia missa e para a qual se entrava pelo arco da parte sul.

Em volta desta segunda ermida fizeram uma arcaria coberta com telhado e suspensa em colunas de pedra.

Em 1705 se deu princípio ao majestoso e grandioso templo que hoje existe.

Está cercado de adro parapeiteado de boa pedra lavrada, contraforteado por grossos pilares terminados por volumosas bolas de pedra.

À entrada da porta principal do templo tem de cada lado a sua inscrição=EXTRVCTUM. ANNO. MDIV=e do outro lado=REFORMATVM ANNO MDCCV-.

É esta igreja em forma de cruz latina, toda formada em sólidas abóbadas de pedra, tendo ao centro um grande zimbório.

Tem três altares em rica talha renascença doirada, e dois púlpitos e coro de balaustradas de madeira com incrustações de metal.

No arco que forma o braço esquerdo da cruz tem a seguinte inscrição gravada na pilastra=ANNO. MDIVDE-CEMBRIS. XX. DIE. FERIA. VI. HORA. DIEI. IX. PRIMA. CRVX. APPARVIT. IN. HOC. SOLO. ET. BREVIS. SEPTA. SACELLO. SOLIVM. FVIT. CHRISTO. DOMINO. PRINCIPATVM. BAJVLANTI. QVI. POST. QEMINVM. SECVLVM. AD. SEMPITERNI. MEMORIAM. TEMPORIS. ELEEMOSINIS. ET. IMPRENSIS. PVBLICIS. H<sup>A</sup>C. BASÍLICA DEDICATVR.=.

Ao lado da capela-mor estão as duas sacristias; na do lado do evangelho venera-se a Senhora das Angústias e na do lado da epístola a imagem do Senhor dos Passos.

*A Igreja da Misericórdia*—No tempo do Duque D. Teodósio II, pai do rei D. João IV, resolveram os moradores de Barcelos edificar um convento de freiras, sob a invocação da Senhora da Conceição.

Escolheram o sítio do Campo da Feira, um pouco mais abaixo onde hoje está a igreja do Terço, arrabalde da Ca- 155

pela do Espírito Santo, e começaram as obras, as quais não se sabe porque motivo em breve pararam.

Em 1641 foram cedidas essas obras aos frades bernardos de Fiães para ali estabelecerem um convento com a obrigação de nele terem uma aula de latim.

Como os de Fiães nunca se aproveitassem dessa concessão, nasceu a ideia de darem aquelas obras aos religiosos capuchos do convento do Bom Jesus da Franqueira para mudarem para aqui aquele seu convento.

Estes frades aceitaram a doação, mas não encontrando o sítio cómodo demarcaram novo convento no local onde hoje está o Hospital, lançando a primeira pedra em 22 de Agosto de 1649, sendo os lavradores de dentro duma légua em volta da vila obrigados a acarretarem a pedra.

Não se efectuou a mudança do convento da Franqueira : os frades continuaram lá, vindo porém povoar o seu novo convento, onde se conservaram até 1834.

A igreja está actualmente ao centro do edifício, ligando o Asilo de Inválidos, que fica à esquerda, com o Hospital, à direita.

A sua fachada assenta em três arcos que fecham o átrio em frente à porta principal.

No alto da fachada tem um nicho em que se venera a imagem da Senhora da Conceição em pedra e abaixo, no mesmo plano das janelas que dão luz ao coro, tem três nichos: o do centro com as imagens de Nossa Senhora em visita a Santa Isabel, o do lado esquerdo com a imagem de S. Francisco e o da direita com a de S. Boaventura.

Templo amplo e suficientemente espaçoso, é de estilo pobre. Tem três altares: o altar-mor e dois laterais. Ao lado esquerdo, abaixo do altar lateral, abre-se uma pequena capela no mesmo estilo da igreja.

Tanto a capela-mor como o corpo da igreja são forradas a estuque em forma de abóbada.



Tem dois púlpitos e coro, donde assistem aos actos religiosos os asilados e doentes convalescentes.

Pertence esta igreja actualmente à Irmandade da Santa Casa da Misericórdia.

A sudoeste deste edifício, faceando com o antigo Campo da Feira, ficando a capela-mor já na cerca do convento franciscano, foi mandada construir pela Venerável Ordem Terceira de S. Francisco a *Igreja dos Terceiros* em 1734, cujas obras só se completaram no reinado de D. Maria I.

As torres ficaram incompletas, concluindo-se em 1648 apenas a do lado esquerdo, a qual em um dia sereno de 1912 derruiu e caiu por terra.

Templo amplo, o maior desta freguesia, despido porém de arte e beleza architectónica, foi demolido em 1931 e os seus materiais applicados na nova igreja de Santo António da Cidade.

*A Igreja do Terço* — Foi esta igreja das freiras beneditinas de Barcelos.

Está situada no Campo da República (Campo da Feira), a facear com a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

A sua porta principal é ao lado, e no sítio onde geralmente está esta porta fios templos, fica o coro de baixo e de cima.

Tem na sua frente para a Avenida, cinco rasgadas janelas e na parte exterior de cada lado da porta a sua lápide em granito com as seguintes inscrições: — do lado esquerdo = JOANE. V. IMPERANTE. PETRI. II. PLA-CITO. ANNVENTE. HOC. MONIALIVM. AD-. AETER-NAM. TEMPORIS. MEMORIAM. DIVO. BENEDICTO. DEDICATVR=e do lado direito=RODERICVS. II. HISPANIARVM. PRIMAX. QVI. OPVS. ERIGENDVM. CVRAVIT. SACRO. PONTIFICALI. RITV. PRIMVM. LAPIDEM. POSVIT. XIV. AVGVSTI. DIE. ANNO MDCCVII=.

Dentro, a igreja é espaçosa e sumptuosa; tem três altares: o da capela-mor e dois laterais, encostados às paredes do arco cruzeiro, todos em rica talha ricóco doirada.

Os tectos são de madeira em caixotões, tendo pintados em cada um os Passos e Vida de São Bento.

As paredes estão revestidas de artísticos azulejos com passagens, emblemas e sentenças extraídas da Bíblia e da Regra beneditina.

Em frente à porta destaca-se na parede o púlpito em riquíssima talha doirada.

Na capela-mor, por cima da porta do lado do evangelho, tem pintada no azulejo a seguinte inscrição = ANNO DOMINI MDCCVII DIE VERO XIV AVGVSTI D. RODE-RICVS DE MOVRA TELLES ARCHIEPISCOPVS BRACHARENSIS HISPANIARVM PRIMAX HVIC (EDIFÍCIO PRIMVM INJECIT LAPIDEM = e por cima da outra porta do lado da epístola = ANNO DOMINI MDCCXIII DIE VERO VIII JVLII IDEM D. RODERICVS DE MOVRA TELLES ARCHIEPISCOPVS BRACHANENSIS HISPANIARVM MONIALES IN HOC A SE FVNDATVM COE-NOBIVM A BRACHARA TRANSTVLIT ET RECLVSIT=.

Esta Igreja passou em 1834 para a posse do Estado mas, porque só mais tarde fossem transferidas as duas únicas freiras ali existentes para o convento de S. Bento de Viana do Castelo, foi cedida por portaria de 1 de Maio de 1846 à Irmandade do Terço, da qual tomou posse em Novembro do mesmo ano.

*Igreja do Recolhimento do Menino Deus*—Está situada esta Igreja na rua Dr. Manuel Pais, à saída da cidade pela estrada de Viana do Castelo.

A fundação desta Igreja e Recolhimento anexo deve-se à iniciativa da preta Vitória, escrava de um mercador da rua Direita desta vila.

Adquirindo esta boa mulher uma imagem do Menino Deus, pô-la no estabelecimento do seu senhor, a qual crescendo tanto a devoção e as correlativas esmolas, foi mudada mais tarde para a Igreja Matriz.

Aí aumentou ainda mais a devoção, a ponto que a escrava Vitória pensou em mandar edificar uma capela particular, obtendo para isso permissão do arcebispo de Braga em 6 de Outubro de 1725.

Resolveu por fim ir mais longe: edificar um templo e um Recolhimento para educar moças donzelas.

Realizando o seu projecto, foi o Menino Deus trasladado para a sua nova igreja em 27 de Setembro de 1733, havendo na véspera grandes festejos, com corrida de toiros, danças e folguedos públicos.

A entrada para este templo é exactamente como a do Terço: de lado.

Por cima do pórtico está um nicho com a imagem do menino Deus em pedra.

Dentro é pobre; tem três altares: o mor e dois laterais em talha simples.

Tem um púlpito e dois coros.

Pertence actualmente à Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, desde que para aqui foi mudada, em 1931, da sua extinta igreja.

*A Igreja de Santo António da Cidade* é sita entre a Avenida Alcaldes de Faria e o Campo da Liberdade, com a sua frente para a antiga Pedra do Couto.

Edifício de estilo ultra moderno, foi construído com esmolas e donativos dos devotos, empregando-se nas suas obras os materiais da demolida Igreja dos Terceiros.

Eleva-se a sua alta fachada, amparada do lado direito por uma ainda mais alta torre, no centro de um adro fechado por parede com duas portas de serventia.

Em seguida à torre abriga a porta travessa um pequeno alpendre sustentado em colunatas.

Dentro, é forrada a madeira com caibros e traves à vista, sendo os altares, o mor e quatro laterais em talha muito simples.

Tem dois púlpitos e coro.

É pública e projecta-se fazer desta igreja a matriz da nova freguesia em que se pensa dividir a cidade.

*A Capela de S. José*—É muito antiga esta capela, não se sabendo ao certo a época da sua fundação.

Tinha primitivamente a invocação de Santa Maria Madalena, sendo conhecido pelo mesmo nome o Campo que a rodeia.

Em 1680 teve esta capela grandes obras.

A sua baixa fachada é sobrepujada por um nicho com a imagem de Santa Maria Madalena e ao lado direito eleva-se um pequeno torreão para dois sinos, seguindo-se-lhe a sacristia e casa de arrecadação.

Dentro, é forrada a madeira pintada, tendo três altares, o mor em talha moderna e os dois laterais em estilo renascença.

Tem coro e púlpito.

À entrada da porta principal servem de pavimento pedras que foram tampas de sepulturas.

Em uma, por baixo de uma inscrição de difícil leitura, vê-se a data 1684 e em outra os seguintes dizeres. = S. DE FR.<sup>ca</sup> DA SILVA E SEVS ERDEIROS.

É pública esta capela.

*A Capela de S. Bento da Buraquinha* — No mesmo Campo de S. José, na embocadura da rua Cândido Reis com este Campo, está a capela de S. Bento da Buraquinha, fundada pelo Dr. Gaspar Pinto Correia, Cónego Cura da Colegiada de Barcelos.

O fundador, por testamento de 20 de Julho de 1655, deixou-lhe o rendimento de três casas térreas sitas no Campo da Feira, com a obrigação de serem alugadas a gente pobre, marcando-lhes alugueis módicos.

Esta capela é pequena, com uma só porta e um único altar em estilo renascença.

Pertence à Confraria do Senhor Bom Jesus da Cruz.

*A Capela de S. Francisco*, na antiga rua dos Mercadores, hoje S. Francisco, foi cabeça do vínculo do mesmo nome, instituído em 11 de Setembro de 1509 por Inês Anes da Costa.

Esta capela foi construída por Fernão Anes da Costa, Secretário do Duque de Bragança D. Fernando, por mandado de sua irmã, a dita Inês Anes da Costa, a instituidora daquele vínculo, e o que tem de mais notável é o seu pórtico gótico.

Junto a esta capela existiam umas casas que serviam de hospedaria aos frades franciscanos, quando passavam por Barcelos.

Diogo da Costa, Escudeiro de El-Rei, Juiz Ordinário, o que fez em 20 de Dezembro de 1504 o auto do aparecimento da primeira cruz em Barcelos, foi o 1.º Morgado de S. Francisco, sendo o último, António de Mendanha Arriscado.

Aquelas casas e capela de S. Francisco estão hoje na posse de pessoa estranha àquela família.

*A Capela de S. Bento* — Ao lado sul da casa da Barreta, a facear com o seu portão ameado e armoriado, ergue-se esta capela, pertencente ao antigo Morgado d'Agrela, fundado por Manuel Carvalho d'Eça, abade de Abadim.

Esta capela, onde se não exerce culto há muitos anos, é particular e pertence à Ex.<sup>ma</sup> Senhora Viscondessa da Fervença.

*A Capela de Sant'Ana*, junto à Casa do Benfeito.

Esta capela exteriormente, bem como a casa, de puro estilo D. João V, foi mandada construir por António de Matos de Faria Barbosa.

Dentro, é forrada a madeira. Tem coro e púlpito. Pertence à ilustre família Matos Graça.

*A Capela do Bom Sucesso*, junto à casa do mesmo nome, no sítio da Granja, em frente ao Cemitério Municipal, é pequena, de boa pedraria, elevando-se ao seu lado esquerdo uma pequena sineira.

Dentro, o seu único altar é em estilo ricóco.

Os tectos são em estuque e tem coro e púlpito.

No pavimento existe uma sepultura com a seguinte inscrição: AQVI JAZ CONSTANTINO ALVARES PEREIRA ANNO 1796 e fora da porta está uma outra sepultura sem inscrição nem data.

Pertence ao Snr. Jaime Valongo esta capela.

*A Capela de S. Sebastião*, sita na rua Manuel Viana.

Esta capela esteve no Largo do Souto, no adro da actual Igreja Paroquial de Barcelinhos. No século XVIII foi mudada para a rua dos Carvalhos, que também se chamou S. Sebastião e actualmente rua Manuel Viana, junto às casas que hoje são do Estado e onde está instalada a G. N. R.

Esta capela está profanada desde 1910, servindo de armazém.

*A Capela de. Santo André*, ao poente da Fonte de Baixo, era muito antiga, pois já existia em 1464 e junto a ela funcionou a Gafaria ou Hospital de Lázaros.

Fr. Pedro de Poiares faz referência a esta capela no seu *Tratado Panegírico*.

Foi demolida nos fins do século xix.

*Capela de Nossa Senhora da Conceição*, na Cerca do Hospital.

Naquela Cerca, no seu canto sul, existiu um cemitério, erguendo-se ao norte desse cemitério uma capela de boa pedraria.

Dentro, tem altar com retábulo em talha simples e pobre e é forrada a estuque.

Esta Capela foi secularizada, não se exercendo nela actos de culto, servindo às vezes de morgue ou depósito de cadáveres de pessoas falecidas no Hospital.

As ossadas existentes nesse cemitério foram removidas para o Cemitério Municipal em 1912. A capela pertence à Irmandade da Misericórdia. Esta capela foi comprada em 1936 pela C. M. para ser colocada no Cemitério Municipal.

A *Capela dos Sagrados Corações*, junta ao extinto Colégio da mesma denominação, é sita na rua Duque de Bragança, em frente ao Solar dos Pinheiros.

Exteriormente ainda tem a forma de capela, mas foi secularizada em 1910. Pertence hoje ao Estado.

Havia várias capelas nesta freguesia que desapareceram, de algumas das quais nem vestígios existem.

Mencionaremos algumas: Assim, ao sul do Campo 5 de Outubro, entre este e o da República, existiu a *Capela do Salvador*, uma das mais antigas desta freguesia, que derruiu na *Trabucaria de S. Sebastião*, tremenda tempestade que se desencadeou nesta região em 20 de Janeiro de 1616.

No sítio onde existiu esta capela foi erigido um cruzeiro.

Construiu-se depois, mais ao sul, já no Campo da República, uma outra *capela*, a do *Espírito Santo*, ficando aquele cruzeiro nas costas desta capela, que foi demolido quando da construção do convento das freiras-bentas, que lhe ficava a nascente, em 1707.

A capela do Espírito Santo foi aumentada com átrio e alpendre, mandando-se fazer sepulturas para os pobres em 1669.

Esta capela foi demolida nos princípios do século XVIII. Entre esta capela e as actuais casas do Campo da República havia uma ruela que se chamava *rua do Espírito Santo*.

A *Capela de Nossa Senhora da Conceição* que estava a facear com as casas que fecham a poente o Campo da República, foi demolida nos meados do século XIX.

A *Capela de Santa Maria*, na rua do mesmo nome, que depois foi da Misericórdia e hoje Visconde São Januário, estava junto ao antigo Hospital, fundado no tempo de D. Manuel I.

Na parede da porta de entrada do antigo Quartel Militar, hoje da Administração do Concelho, ainda se vê uma cruz a indicar o sítio onde esteve esta capela.

Como fosse pequena para as necessidades do culto, a Irmandade da Misericórdia resolveu mandá-la demolir e construir uma igreja na Praça Municipal, sendo lançada a primeira pedra para a construção dessa igreja em 1593.

A *antiga Igreja da Misericórdia*, na Praça Municipal.

Esta igreja era suficientemente grande e estava no mesmo lugar onde hoje é a sala das sessões da Câmara Municipal com entrada para aquela praça.

No altar-mor venerava-se a imagem de Santa Gertrudes com sua irmandade, instituída por José de Almeida Bezerra, da casa de Pereiro, freguesia de São Paio do Carvalhal.

Tinha dois altares laterais junto ao arco cruzeiro e mais abaixo duas capelas: uma do Morgado de Vila Cova e outra do Morgado d'Agrela.

Esta igreja foi demolida por 1869, encontrando-se porém ainda vestígios dela, como o arco cruzeiro, etc.,



quando das obras na sala das sessões da Câmara Municipal em 1931.

A *Capela de Santiago*, no Largo da Porta Nova, em frente à antiga cadeia, das janelas da qual os presos ouviam missa, mandada dizer todos os domingos para aquele fim pela Irmandade da Misericórdia naquela capela, foi demolida, quando da construção do edifício dos Armazéns de Santiago, nos princípios deste século.

Ainda existem nesta freguesia os seguintes *Nichos* ou oratórios públicos: o do Senhor do Bonfim, no Largo do Benfeito; o do Senhor dos Aflitos, na rua do Poço; três oratórios da Paixão de Cristo: um na rua Duque de Bragança, outro na rua Manuel Viana e outro na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

O *Cruzeiro Paroquial* esteve no cruzamento da rua Mártires da República com a Duque de Bragança, em frente à Igreja Matriz e ao lado do solar dos Pinheiros.

Na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra (antiga Pedra do Couto), junto ao edifício do Convento, esteve um cruzeiro com a imagem de um Cristo sem barbas.

Este cruzeiro foi mandado retirar dali e recolher no Museu Arqueológico Municipal.

O *Cemitério Municipal* está, como dissemos, na freguesia de Arcozelo, ao fundo da Avenida Dr. Sidónio Pais.

No alto do seu portão vê-se a data = 1877.

A freguesia de Barcelos confronta pelo sul com o rio Cávado, pelo nascente com a de Arcozelo, pelo norte com a de São João de Vila Boa e pelo poente com a de São Martinho de Vila Frescainha.

É atravessada por várias estradas. A ponte sobre o Cávado dá comunicação com a outra parte da cidade (Barcelinhos), estando ligada aí por várias estradas com todas as terras ao sul e nascente, como Braga, Vila Nova de Famalicão e Póvoa de Varzim; pelas Avenidas Alcai-

des de Faria e Dr. Sidónio Pais pela estrada de Prado e Vila Verde com aquelas povoações; pelo Campo da Liberdade e pela estrada de São Julião de Freixo com Ponte do Lima; pela rua Dr. Manuel Pais e pelas estradas de Ponte do Lima (Tamel) e Viana do Castelo com aquelas povoações e pelo Campo de São José com Esposende.

É servida pela *Estação de Barcelos* dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro.

Tem as seguintes fontes públicas e chafarizes: a fonte de Baixo, a das Fontainhas, o chafariz do Campo da República, o do Campo de S. José, mudado para ali da Praça Municipal em 1933, o do Largo do Apoio, o da Praça D. Pedro V, o do Campo 5 de Outubro e o do Largo do Tanque.

Em frente a este chafariz, metida na parede do quintal da casa do Sindicato Agrícola (antiga casa do Tanque), está uma pedra com a seguinte inscrição : =

EXPENSIS PUBLICIS ANNO MDCXVIII — REFORMATUS ANNO MDCCCLXIX.

Tem ainda os fontenários da Avenida Dr. Sidónio Pais e do Campo da Liberdade.

No Passeio das Obras, construção do fim do século XVIII, existem dois fontenários, cujas águas caíam respectivamente em seu tanque construídos na parte posterior daquelas obras. Hoje só existe um daqueles tanques, por o do nascente ter sido demolido.

Fr. Pedro de Poiares, no seu tratado Panegírico, editado em Coimbra em 1672, diz que a vila de Barcelos tem as seguintes fontes: a de Baixo, de muito boa água, outra no fim da rua das Velhas, a que chamam o Cano, «fonte de muito boa água e de mui bastante bondade».

No meio da torre da ponte, continua o mesmo autor, está outra fonte e outra no Campo Salvador, indo da vila para a quinta da Bagoeira.

O Passeio das Obras, monumental obra estilo D. João V, de aformoseamento do Campo da República, lado sul, foi mandado construir nos fins do século XVIII.

Por baixo desse monumento estava o chamado «quintal das Barrocas », terreno que fora aforado a particular e que a Câmara de 1928 comprou, sendo transformado por uma vereação qualquer em Largo. Ao nascente desse largo estão em construção outras *obras* (actualmente suspensas), que ninguém percebe.

A população desta freguesia no século XVII era de 500 vizinhos; no século XVIII era de 742 fogos; no século XIX era de 4.185 habitantes e actualmente é de 4.062 habitantes, sendo 1.702 varões e 2.360 fêmeas, sabendo ler 1.009 homens e 985 mulheres, havendo 2.068 analfabetos.

A actual população da cidade, que compreende toda esta freguesia e parte das de Barcelinhos, Arcozelo e São Martinho de Vila Frescainha, é de seis mil habitantes aproximadamente (1)•

A cidade de Barcelos tem as seguintes ruas, e largos, a maior parte sitos nesta freguesia: rua Duque de Bragança, Mártires da República, Fundo de Vila, Vivandeiras, São Francisco, Visconde de Leiria, do Poço, da Barreta, Barjona de Freitas, Travessa do Apoio, Traz do Muro, rua Visconde São Januário, D. António Barroso, Travessa da rua Direita, rua Filipa Borges, da Madalena, Miguel Bombarda, Gomes Freire, São Vicente, D. Diogo Pinheiro, Cândido Reis, Dr. Manuel Pais, Traz das Freiras, Avenida D. Nuno Álvares Pereira, Combatentes da Grande Guerra, Dr. Oliveira Salazar, Alcaldes de Faria, (parte em Arcozelo), Dr. Sidónio Pais, rua Elias Garcia, (parte em Arcozelo),

(1) *No 7.º Censo da População vem só a população da freguesia de Barcelos e não a da cidade,*

Olivença (toda em Arcozelo), Cândido da Cunha, Travessa dos Alcaides de Faria, rua Bom Jesus da Cruz, Duque de Barcelos, Travessa Duque de Barcelos, rua Manuel Viana, Infante D. Henrique e Faria Barbosa e os largos Fonte de Baixo, Apoio, Praça Municipal, Dr. Martins Lima, Benfeito, Campo 5 de Outubro, da República, da Liberdade, Largo Marechal Gomes da Costa (Arcozelo), Bom Sucesso, Porta Nova, José Novais, Malheiros e do Tanque.

Em Barcelinhos, como dizemos quando tratamos desta freguesia, tem esta cidade as seguintes ruas e largos: José Falcão, Emídio Navarro, Penedos, Brito Limpo, Alcaides de Faria e Esperança e os largos: da Ponte, Souto, e Dr. António Ferraz (1).

Vamos, seguindo o esquema das outras freguesias, mencionar os edifícios mais importantes desta; principiando pêlos *Paços do Concelho*, onde funcionam quase todas as Repartições Públicas: Câmara Municipal, Tribunal Judicial, Registo Civil, Finanças, Tesouraria Pública, Correios, Telégrafos e Telefones, Filial da Caixa Geral dos Depósitos, Administração do Concelho, Polícia, etc.

Este edifício antigamente era muito reduzido e só tomou as proporções grandiosas que hoje tem depois das obras e ampliações de 1849, das do fim do século XIX e das do princípio deste.

Tinha uma só torre, a do poente, e a sua frontaria para a Praça Municipal era sustentada em arcos, cujos vestígios ainda hoje se vêem.

(1) O Sr. Bento Antas da Cruz publicou em o jornal « O Barcelense », desta cidade, uma série de artigos sob o título — *Barcelos em Tempos Idos ou Roteiro Histórico da Vila de Barcelos e Zona Urbana de Barcelinhos* — em que menciona as ruas, largos e lugares dos arrabaldes com a sua nomenclatura antiga e actual.

É um edifício imponente, ameado, com duas torres e ocupa quase um quarteirão.

Em parte deste edifício esteve a Misericórdia com seu Hospital, até ser mudada para o antigo convento de S. Francisco, no Campo da Feira, e posteriormente àquela mudança, na parte que dá para a rua Visconde de São Januário e rua de São Francisco, o quartel do Batalhão de Infantaria até ser retirado desta cidade.

Depois deste facto esta parte do edifício está sendo apropriada à instalação de Repartições Públicas.

*O Palácio dos Condes Duques de Barcelos* (ruínas das Torres). As paredes denegridas, que se vêem no morro sobranceiro à ponte sobre o Cávado nesta cidade, são as ruínas do palácio mandado construir por D. Afonso, 1.º Duque de Bragança e 8.º Conde de Barcelos.

Mandou este duque também cercar a sua vila de muralhas com torres, sendo uma à entrada da ponte que liga esta freguesia com a de Barcelinhos, tendo comunicação esta torre com o palácio que lhe ficava superior.

Deste edifício hoje apenas existem algumas paredes e uma alta chaminé; á torre que fechava as muralhas derruiu em 1800.

«Causa dó—diz António Lopes de Figueiredo na sua *Noticia Bibliographica*, em 1873, a pág. 78, referindo-se a este palácio — ver o abandono a que se acham votadas estas preciosas relíquias da pristina nobreza desta notável villa».

O morro em que assentam estas ruínas foi cercado de paredão e muralha ameada nos fins do século XIX pela Câmara da presidência do Dr. José Novais, tendo porém há pouco tempo sido retiradas as ameias e a sua pedra empregada nas obras da Igreja Matriz.

Nestas históricas ruínas funciona o *Museu Arqueológico Municipal*; pertenciam à Casa de Bragança, mas fo-

ram cedidas à Câmara Municipal de Barcelos por el-rei D. Carlos I para ali ser construído um *Castelo*, delineado por um distinto architecto, que felizmente se não fez, e nele instalada a Biblioteca e Museu Municipal.

*O Solar dos Pinheiros.* O Dr. Pedro Esteves, casado com D. Isabel Pinheiro, mandou fazer a parte sul destas casas e colocar ali um brasão.

Consta esse brasão de um escudo no meio do qual está outro mais pequeno com quatro chaves pendentes de um cordel, tendo em volta a inscrição em letras góticas: «Estas casas mandou o Dr. Pedro Esteves fazer no ano do Senhor de 1448».

Álvaro Pinheiro Lobo, 1.º Morgado de Pouve, filho daquele Dr. Pedro Esteves, acrescentou o Solar dos Pinheiros de Barcelos na parte poente, mandando fazer as duas torres, colocando na do sul o escudo que aí se vê virado ao poente: no 1.º as armas dos Pinheiros, que tomam todo o lado direito; no 2.º as armas do Dr. Pedro Esteves e no 3.º as dos Lobos. Este edifício foi considerado Monumento Nacional e pertence ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Engenheiro Francisco Manuel de Meneses Pinheiro.

*A Casa Meneses Vilas boas.*—Estas casas, sitas na Rua Paria Barbosa, encostadas às antigas muralhas sul da vila, pertencem à nobre família Vilas boas da casa solar de Airó.

Serviram de Paço à rainha D. Maria II na sua viagem ao norte em 1852, quando do seu regresso de Viana do Castelo.

No pátio de entrada desta casa encontra-se uma bela pedra de armas encostada a uma parede que, segundo nos informam, era da casa de Palme, da freguesia de Aldreu, pertencente a esta família.

*A Casa dos Gayos* — Ao poente da casa anterior, na mesma rua, está a casa dos Gayos.

Na sua fronteira ostenta um brasão ali mandado colocar pelo Dr. Manuel José da Costa Felgueiras Gayo e mais abaixo vê-se uma lápide em mármore com os seguintes dizeres: «Casa que foi do linhagista Felgueiras Gayo — 1750-1831 ».

Esta casa pertence hoje, por compra, ao Snr. Conselheiro Sá Carneiro.

Na mesma rua, esquina para o largo dos Malheiros e rua Manuel Viana, está a *Casa dos Carvalhos Mendanhas*, que foram administradores do Morgado de São Francisco.

Esta casa pertence hoje ao Estado e nela está aquartelada a Guarda Nacional Republicana.

No largo dos Malheiros, esquina para a rua Faria Barbosa, está a *Casa dos Malheiros*, que pertenceu à família deste nobre apelido e hoje à família Guimarães.

Em frente a esta casa, na rua Faria Barbosa, existe a *Casa do Tanque*, propriedade do Sindicato Agrícola.

Na mesma rua Faria Barbosa, na descida para o Pessegal, está a *Casa do Rio*, que foi do Dr. António do Rego de Faria Barbosa, político de grande preponderância do seu tempo, e hoje pertence à família Roriz Pereira.

Na rua Infante D. Henrique, esquina da rua Manuel Viana, existe a *Casa Simões Lira*, hoje pertencente à família Salazar.

No largo da Porta Nova o edifício do *Banco de Barcelos*; no largo José Novais, esquina para a rua Duque de Barcelos, está a *Casa do Barão da Retorta* (brasonada). Esta casa pertence hoje à família do Conselheiro José Novais e nela funciona a Creche Santa Maria.

Serviu esta casa de paço a D. Maria II quando aqui se acolheu na noite do incêndio da casa Simões, na rua Barjona de Freitas.

No mesmo largo José Novais, está a *Casa Machados da Mata* (brasonada), em estilo manuelino, ameadada, hoje pertencente ao Snr. Dr. José Ramos.

Em frente ao Passeio das Obras, na rua Faria Barbosa, está a *Casa da Bagoeira*, dos Farias Machados, muitos anos unida à casa das Hortas de Braga, e que hoje pertence ao Snr. Aparício Alves Pereira.

No campo da República, do lado poente, destaca-se a *Casa dos Peixotas*, que pertence actualmente ao Snr. Armando Leite.

No campo 5 de Outubro, lado poente, vê-se a Casa dos *Sousas* (brasonada), que contém um rico recheio, na qual está instalado um verdadeiro museu de escultura e pintura dos melhores mestres portugueses. Pertence hoje ao Snr. José de Beça e Meneses.

No largo do Benfeito, ergue-se a *Casa do Benfeito* (brasonada), puro estilo D. João V, pertencente à família Matos Graça.

Na rua D. António Barroso está a Casa dos *Barretos*, pertencente hoje ao Snr. José de Beça e Meneses.

Na rua Barjona de Freitas, esquina da rua Filipa Borges, está a Casa *Simões*. Esta casa serviu de paço a D. Maria II, quando da viagem ao norte em 1852, na sua passagem para Viana do Castelo.

Na noite de 6 para 7 de Maio desse ano, estando a família real deitada, ardeu completamentè aquela casa, que foi mandada reconstruir por ordem da rainha. Pertence à família Salazar.

A *Casa da Barreta*, com sua capela e portal brasonado, é na rua da Barreta.

Era do antigo Morgado de Agrela e actualmente pertence ao Snr. Visconde da Fervença.

No largo do Apoio existe ainda a casa que foi do *Alferes Barcelense* (brasonada) e actualmente pertence



ao Snr. Júlio Gonçalves Ramos e ao lado a *Casa de Carmona*.

Esta casa foi de D. Maria de Abreu e D. Estácia de Abreu, que em 1649 a uniu ao vínculo Carmona, como se disse na freguesia de S. Pedro de Alvito. Actualmente pertence aos herdeiros de António Machado Carmona.

Na rua de São Francisco estão as casas dos *Carvalhos* (brasonada), que hoje pertencem à família Santos Terroso, e na mesma rua, em frente ao largo do Apoio, as casas que foram de *D. Nuno Álvares Pereira* (brasonada, escudo com a cruz floreteada dos Pereiras), pertencentes ao Snr. Capitão Manuel da Silva Freitas.

Este edifício tem na sua frontaria a seguinte inscrição: «Casa do condestavel do nunalvares pereira».

Na mesma rua, mais ao poente, estão as casas *dos Brandões* (brasonada), que pertencem actualmente à família Miranda Avis, desta cidade.

Na rua Duque de Bragança, em frente à rua São Francisco, estão as casas aos *Arriscados Mendanhas*, que hoje pertencem ao Snr. Augusto Bandeira e mais ao norte, as casas *dos Costas Chaves* (brasonada), pertencente à viúva Vale, desta cidade.

Na Fonte de Baixo está a Casa da *Ordem*, que hoje pertence à Santa Casa da Misericórdia.

Na rua Visconde São Januário, em frente à porta da Administração do Concelho, está a Casa dos *Cogominhos*, condenada a desaparecer em breve para dar passagem ao Snr. Progresso, que é pessoa muito barriguda e embirra com as velhas ruas estreitas, nas quais por acaso algumas tradicionais casas como esta, tiveram a infelicidade de serem construídas.

Para não tornarmos mais fastidiosa a leitura deste livrinho, terminamos esta já longa lista das casas mais importantes desta freguesia.

Não poderemos, porém, deixar de nos referir ainda a mais algumas, que, apesar de pequenas, quer pela sua arquitectura e estilo, quer por nelas se terem dado alguns factos, se tornaram notáveis.

Assim no largo Dr. Martins Lima, em frente ao Teatro, existe uma, outra na Praça Municipal e outra no Campo 5 de Outubro, que pelo seu aspecto exterior se destacam das outras. Esta última tem na verga da porta a data = 1615. A estas três casas foi-lhe tirado há pouco tempo o reboco que cobria a sua fronteira ficando a descoberto a beleza singela da sua pedraria.

No Campo da República, lado poente, existe uma casa de vulgar aparência, mas que tem na sua fachada uma lápide com a seguinte inscrição: « Nesta casa nasceu o Tenente Coronel Vila Chã Leite, mutilado e herói da Grande Guerra ».

Existem nesta freguesia dois monumentos: um na Avenida Combatentes da Grande Guerra, erigido aos mortos desta guerra. Compõe-se de um obelisco encimado pelas armas nacionais com a cruz de Cristo. Na sua base tem a seguinte inscrição: «AOS MORTOS DA GRANDE GUERRA DE 1914 — 1918», e mais abaixo: « PELA JUNTA DA FREGUEZIA -1930»

O outro monumento é a estátua a D. António Barroso, erigida na Praça Municipal, em frente ao edifício da Câmara, nas costas da Igreja Matriz.

Em cima de um pedestal de granito da região, eleva-se em tamanho natural a figura em bronze do santo bispo e grande missionário, de batina e ampla capa, descoberto e de pé, em atitude de abençoar.

No pedestal, na frente e em baixo, contém dois quadros em bronze, representando povos de várias raças em oração e inferiormente a seguinte inscrição: «DILA-

TANDO A FÉ, O IMPERIO-Luziadas Cant. I Est. II» e aos pés da estátua: «A D. ANTÓNIO BARROSO. MCMXXXI». Dos lados, no mesmo pedestal, tem gravado as datas mais importantes da vida do glorificado. Assim do lado direito: «MDCCCLIV», a do seu nascimento e do lado esquerdo: «MCMXVIII», a do seu falecimento.

Na parte posterior a inscrição: «EREGIDO POR SUBSCRIÇÃO PUBLICA».

Do sopé do plinto desta estátua desce até à rua Faria Barbosa um grande escadório com patamares e guardas em pedra, ao qual o povo pôs o nome de *São Braz Rico*, comparando a sua magnificência supérflua com a pobreza do escadório que dá acesso à capelinha de S. Braz, em Barcelinhos.

A inauguração desta estátua foi em 5 de Setembro de 1931, por ocasião do 1.º Congresso Missionário Português, realizado nesta cidade.

Tem esta freguesia 11 lugares de professores nas escolas masculinas, femininas e infantis, que funcionam no edifício escolar do Campo da Liberdade e no antigo Colégio dos Sagrados Corações, à rua Duque de Bragança.

Está em construção um sumptuoso edifício na Avenida Combatentes da Grande Guerra, que a Câmara Municipal destina a *Liceu* ou *Escola Industrial*.

Há ainda o *Colégio de Sant'Ana*, que funciona na casa do Benfeito, dirigido por Irmãs Missionárias de Maria, em que se ensinam as primeiras letras e habilitam meninas até ao 5.º ano dos liceus e o *Colégio Alcades de Faria* onde se ministra instrução a rapazes até ao 5.º ano dos liceus. Existe ainda o *Recolhimento e Asilo da Infância Desvalida do Menino Deus*.

Quanto a comércio e indústria houve tempo, ainda nos princípios deste século, em que Barcelos vivia,

como era costume dizer então, apenas da *sua feira e do Tribunal*; o comércio era pequeno e a indústria quase nula.

Em 1904, porém, fundou-se em Arcozelo, próximo à Estação de Barcelos, a Fábrica de Serração Juan B. Domenech, que ainda hoje existe.

Depois da guerra, desde 1918 em diante, é que mais se desenvolveu a indústria desta cidade.

Assim, actualmente funcionam aqui duas fábricas de malha de seda, uma de fiação de algodão, azenhas junto à ponte sobre o Cávado, a Fábrica de Moagem do Cávado, que conquanto na freguesia de Arcozelo, está dentro das barreiras da cidade.

Além daquela fábrica de serração Domenech, há ainda a de São José, a da Granja e a de Coutinho, Ld.<sup>a</sup>

Há finalmente uma fábrica de blocos de cimento para construções, e várias carpintarias, marcenarias, sapatarias, tamancarias, padarias, pastelarias, três garagens reparadoras de automóveis, etc.

Quanto ao seu comércio, tem esta freguesia bons estabelecimentos em todos os ramos de negócio. Enfim, tornou-se uma terra muito comercial e industrial.

Efectua-se nesta cidade, às quintas-feiras, no Campo da República e no Campo da Liberdade, uma das mais importantes *feiras* do país e anualmente, no dia 3 de Maio, a importantíssima *feira de Cruzes*.

O *mercado diário* fazia-se antigamente no largo do Apoio, passando depois para o largo da Porta do Vale e em seguida para o da Porta Nova.

Em 1867 foi construída a *Praça D. Pedro V*, começando desde então a funcionar ali o mercado diário.

Tem esta cidade Estação Telégrafo Postal e, desde Maio de 1932, Telefones.

A iluminação pública era a petróleo (nas noites em que não havia luar), passando porém desde 1917 a ser iluminada a cidade a luz eléctrica.

Além de algumas fontes e nascentes, a água é fornecida a esta cidade pela Empresa Borges e pela Câmara Municipal.

Esta, para reforçar as nascentes que possui nos montes ao norte, cujas águas são recolhidas nos reservatórios do Faial, estabeleceu em 1929 a Elevatória do Cávado, com resultados menores que os previstos.

Tem esta cidade um bom *Hospital*, administrado pela Irmandade da Santa Casa da Misericórdia. Vê-se que este ramo de assistência é muito antigo em Barcelos.

Nas Inquirições de 1220, quando se trata da freguesia de São Paio do Carvalhal, aparece-nos a referência à *Albergaria de Barcelos*.

Sabe-se que em 1464, em Casal de Nil, junto à Capela de Santo André, existiam umas casas com suas dependências, pertencentes à *Gafaria*, hospital de lázaros ou leprosos.

No reinado de D. Maria I instituiu-se um *Hospital* com igreja e porta para a rua de Santa Maria, que mais tarde passou a chamar-se rua da Misericórdia e em nossos dias rua Visconde de São Januário, o qual era administrado por *Juizes e regedores* da vila.

Estabelecida pouco depois a Irmandade da Misericórdia nesta vila, foi-lhe entregue aquele hospital.

Como as rendas do hospital fossem pequenas e a gafaria havia muito tempo não tinha doentes, D. Manuel, por carta de 12 de Maio de 1520, uniu os bens da gafaria ao hospital.

Para alargar o seu hospital a Irmandade da Misericórdia mudou a sua capela em 1593 da rua da Misericórdia para a praça Municipal.

Em 1834 foram extintos os conventos em Portugal e incorporados os seus bens na Fazenda Nacional.

Por influência do Visconde de Leiria, o governo cedeu em 1836 o convento dos frades Capuchos à Irmandade da Misericórdia para nele estabelecer o seu hospital.

Adaptado ao fim a que era destinado, sofreu posteriormente aquele edifício algumas obras, sendo uma das mais importantes a de 1910.

Em 1932, a Irmandade da Misericórdia mandou construir na cerca do Hospital um *Balneário* público.

Em 1888 fundou-se o *Asilo de Inválidos* para ambos os sexos, sob a administração daquela Irmandade, e construiu-se para isso um edifício próprio ao lado esquerdo da Igreja.

Há nesta freguesia outro asilo, o *Recolhimento e Asilo da Infância Desvalida do Menino Deus*.

Nos princípios do século XVIII a preta Vitória fundou, junto à estrada que ia para Viana, hoje rua Dr. Manuel Pais, o *Recolhimento do Menino Deus*, a que vulgarmente chamavam *das Beatas*, do hábito da primitiva Ordem de São Francisco.

Extintas as Ordens religiosas, passou esta casa a ser administrada por uma Comissão nomeada pelo Governador Civil do Distrito e transformada em casa de educação de meninas pobres com a denominação de *Recolhimento e Asilo da Infância Desvalida do Menino Deus*.

Em 1929 passou a administração desta casa para a Venerável Ordem Terceira de São Francisco.

Há duas *Creches*: a de *Santa Maria*, que funciona na antiga casa Barão da Retorta, instituída em 1928 pela Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria José Novais Pinto da Fonseca, e a *Creche D. António Barroso*, que funciona no edifício do *Recolhimento*, fundada em 1932.

Em 1934 fundou o Ex.<sup>mo</sup> Senhor João Duarte, junto à sua fábrica de tecidos de malha, um *Lactário*.

A *Sopa dos Pobres*, instituição fundada em 1918, funciona actualmente no edifício do Recolhimento.

Existe nesta cidade o *Circulo Católico de Operários*, associação fundada em 1904, com sua sede na rua D. Diogo Pinheiro, por iniciativa do Ex.<sup>mo</sup> Sr. P.<sup>e</sup> Bonifácio Elias Barbosa Lamela, seu actual director.

Na sede desta Associação há sala de espectáculos e salas para outros divertimentos lícitos, onde os associados se divertem e instruem.

A *Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Barcelos* foi fundada em 1883 e possui edifício próprio.

Antes desta Associação havia a *Companhia da Bomba*, criada por Real Resolução de 22 de Março de 1826, havendo já nesta vila duas bombas adquiridas em Londres.

O *Teatro Gil Vicente*, no Largo do Dr. Martins Lima, começou a construir-se em 1893, sendo a sua inauguração em 1903.

A *Associação Comercial* foi fundada em 1890 e o *Grupo Alcades de Faria*, sociedade de estudos arqueológicos, em 1929.

Em 1933 fundou-se o *Rancho Minhoto*, grupo coreográfico.

A *Associação de Classe dos Empregados do Comércio* fundou-se em 1926.

O *Sindicato Agrícola* fundou-se em 1916 e a *Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra* em 1930.

Tem uma *Assembleia*, sociedade de recreio, fundada por 1872.

Há ainda algumas sociedades de *sport*, como *Foot-Ball* e *Ténis* com seus respectivos campos, etc.

Há actualmente apenas dois jornais semanais: «O Barcelense», que se publica aos sábados e o «Notícias de Barcelos», que se publica às quintas-feiras.

A antiga e importante vila de Barcelos foi elevada à categoria de cidade por decreto de 30 de Agosto de 1928 e classificada como *Estância de Turismo* por decreto de 30 de Agosto de 1933, sendo a área de jurisdição da respectiva comissão todo o concelho.

Dos homens mais importantes desta antiga vila que não vem mencionados em qualquer tratado a ela referente, destacaremos os seguintes:

*Dr. Eduardo da Silva Salazar*, falecido em 1 de Janeiro de 1901 com 56 anos de idade. Advogado distintíssimo, foi Vice-Presidente da Câmara Municipal de Barcelos em 1872, Procurador à Junta Geral do Distrito, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, etc.

*Gonçalo Alfredo Alves Pereira*, natural desta freguesia, nascido em 1851 e falecido em 1925.

Esteve 14 anos em Pernambuco, onde seguindo a vida comercial adquiriu fartos haveres.

Voltando à pátria deu largas à sua beneficência: sustentou durante anos uma aula nocturna de instrução primária; fez doação ao Estado de cem contos no tempo da boa moeda para acrescentar ao Hospital de alienados um pavilhão no qual tivesse sempre lugar cinquenta doentes deste concelho; em 1907 entregou a uma Comissão de barcelenses uma avultada quantia para com ela fundar, instalar e sustentar um Asilo Escola Agrícola, cujos estatutos foram aprovados em 1911; fez vários donativos ao Hospital da Misericórdia desta cidade, ao Recolhimento do Menino Deus, aos Bombeiros de Barcelos e ainda a várias outras instituições do país e Brasil, etc.

*Tenente Coronel Francisco Vila Chã Rodrigues Leite*, nascido em Barcelos em 1882 e falecido em 1927; assentou



praça em 1905, sendo promovido a alferes, concluído o seu curso da Escola de Guerra, em 1908, fez parte no posto de capitão do C. E. P. a França na Grande Guerra. Gravemente ferido na batalha do 9 de Abril de 1918, caiu prisioneiro dos alemães.

O seu procedimento militar mereceu-lhe vários elogios e louvores, foi promovido a major por distinção, e condecorado com a cruz de guerra de 2.<sup>a</sup> classe e com o grau de cavaleiro da Ordem da Torre e Espada.

Em seguida ao armistício voltou à pátria sendo promovido a Tenente Coronel e reformado nesse posto em virtude dos ferimentos que recebeu em campanha, que o deixaram mutilado.

Foi Governador Civil substituto do Distrito de Braga, Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, da Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia, etc.

*Dr. Luís José de Abreu do Couto Amorim Novais*, nascido em Balugães, na casa de São Bento, em 1853, formou-se em Direito em 1876.

Em 1885 foi nomeado Tabelião da Comarca de Barcelos, para onde tinha vindo advogar após a sua formatura e daqui transferido em 1907 para a do Porto, onde faleceu em 1917.

Foi um jurisconsulto muito apreciado e publicou alguns trabalhos notáveis sobre assuntos jurídicos.

Mereceu ser sócio da Sociedade de Geografia, sócio correspondente da Associação dos Advogados e Notários de Lisboa, do Instituto Portuense de Estudos e Conferências, etc.

*António de Matos de Faria Barbosa*, foi Superintendente das Caudelarias de Barcelos, Coronel dos Voluntários Realistas de Barcelos, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real e senhor da casa

do Benfeito, nesta vila, que reedificou bem como a sua capela em estilo D. João V.

*João Carlos de Saldanha Oliveira Daun*, 2.º Conde de Almoester, nasceu nesta freguesia em 1858, assentou praça em cavalaria, e era capitão quando morreu em 1897 com 23 companheiros em combate no Hümbe (África Ocidental).

Era neto do 1.º Duque Marechal Saldanha e herdou o título de Conde de Almoester de seu tio o 1.º Conde deste título, tendo, sido agraciado em 1871.

*P.º Domingos Joaquim Pereira*, nascendo nesta freguesia em 1800, liberal convicto e de uma família liberal, foi muito perseguido pelos *miguelistas*.

Tesoureiro-mor, Sacristão-mor e Mestre de Cerimónias da Colegiada de Barcelos, foi despachado após a implantação do regime liberal para abade da freguesia do Louro, concelho de Vila Nova de Famalicão, onde faleceu.

Escreveu, além de um folheto sobre a venda dos Passais Eclesiásticos, muitos artigos em jornais, a « Memória Histórica da vila de Barcelos, Barcelinhos e Vila Nova de Famalicão, edição de Viana, 1867, e «Crónica Abreviada».

*Manuel José Pinto de Oliveira*, natural desta freguesia, escreveu «Tratado dos Pretéritos e Supinos da Lingua Latina» —Coimbra, 1822.

*António do Rego de Faria Barbosa*, nasceu em 30 de Janeiro de 1800 e faleceu em 19 de Junho de 1880.

Foi senhor da casa do Rio, político notável no seu tempo e que muito fez a Barcelos.

*Dr. António de Matos e Silva*, senhor da casa do Benfeito pelo seu casamento com D. Rosa Maria Clara de Azevedo Barbosa de Almeida, foi Desembargador da casa da Suplicação por 1760.

*Jaime Siuve de Seguiet*, nascido nesta freguesia em 1860, foi um escritor notável.

Escreveu desde 1887 no *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro* a crónica c *Ver, Ouvir e Contar*», e foi autor, sob o pseudónimo de Iriel, do livro que publicou «*Feira de Pariz*», etc.

*Alberto Malheiro de Magalhães Vilas Boas*, natural desta freguesia, onde nasceu em 1850 e faleceu em 1877. Além de muitas poesias dispersas em jornais de Lisboa e Porto, existe o livro «*Sombras do Valo*, edição de 1873, «*Ramos Desfeitos*», versos inéditos e «*Lira Quebrada*», também inédito.

*Albino José Rodrigues Leite*, nascido em Vieira do Minho em 1868, veio para Barcelos aos dez anos de idade, onde faleceu em 5 de Abril de 1930.

Foi vereador da Câmara Municipal, mesário da Santa Casa da Misericórdia, Director e Tesoureiro do Banco de Barcelos, um dos Fundadores do Grupo Alcaides de Faria, Redactor da «*Folha da Manhã*» e de «*O Barcelense*», semanários desta vila, durante muitos anos.

Além de muitos artigos em jornais, escreveu e publicou «*Para o Lavrador*», propaganda e incitamento agrícola—1915.

*António Cândido da Cunha*, nascido nesta freguesia em 1886, professor de pintura na Academia de Belas Artes do Porto, *artista de nostálgicos poentes*, deixou vários quadros, produções de verdadeiro mestre que era na pintura.

E quantos outros daqui naturais ou que nesta vila passaram grande parte da sua vida e a esta terra deram os maiores dos seus esforços, engrandecendo-a material e moralmente, cujos nomes ora não nos lembra ou deles não temos dados para a sua biografia.

Ao correr da pena citaremos ainda o *Dr. António Martins de Sousa Lima*, médico distinto, poeta e publicista apreciado, um sincero e dos mais antigos republicanos desta vila, *Manuel Viana, P.º Augusto Cunha*, alma de artista, o *Dr. Rodrigo Augusto Cerqueira Veloso*, natural da Barca e falecido em Lisboa em 1913, viveu muitos anos em Barcelos, onde foi por vezes Administrador do Concelho e Advogado distintíssimo. A sua obra literária é grande, escrevendo inúmeros artigos em jornais de várias localidades do país e redactor e director de alguns, entre os quais, da «Aurora do Cávado, publicada em Barcelos, que teve como colaboradores os nossos mais distintos poetas e prosadores.

Publicou um volume com o título «Folhas ao vento», 1863, e um grande número de folhetos desde 1906 até 1911.  
E de mais não me lembra...